Revista Semiárido De Visu

GOMES, L. D. O.; SANTOS, V. S.; SILVA, C. F. Literatura infantil e racismo: reflexões sobre o ensino das relações étnico-raciais. **Revista Semiárido De Visu**, V. 13, n. 1, p. 46-57, abr. 2025. ISSN 2237-1966.

Recebido: 03/12/2024| Revisado: 17/01/2025| Aceito: 30/01/2025| Publicado: 30/03/2025

This work is licensed under a
Creative Commons Attribution 4.0 Unported License.

DOI: 10.31416/rsdv.v13i1.1366

Literatura infantil e racismo: reflexões sobre o ensino das relações étnico-raciais

Children's literature and racism: reflections on teaching ethnic-racial relations

GOMES, Luis Daniel de Oliveira. Licenciando em Pedagogia
Universidade de Pernambuco – Campus Petrolina. Vila Eduardo - Petrolina – Pernambuco – Brasil. CEP: 56.328-900 / Telefone: (87) 99995.1979 / E-mail: luis.daniel@upe.br/ ORCID: https://orcid.org/0009-0004-0864-4529

SANTOS, Vitória da Silva. Licencianda em Pedagogia
Universidade de Pernambuco – Campus Petrolina. Vila Eduardo - Petrolina – Pernambuco – Brasil. CEP: 56.328-900 / Telefone: (87) 99122.3789 / E-mail: vitória.silvas@upe.br/ ORCID: https://orcid.org/0009-0007-6984-6564

SILVA, Camila Ferreira da. Doutora em Educação
Universidade de Pernambuco – Campus Petrolina. Vila Eduardo - Petrolina – Pernambuco – Brasil. CEP: 56.328-900 / Telefone: (81) 98256.3789 / E-mail: camila.fsilva@upe.br/ ORCID: https://orcid.org/0000-0003-0831-9086

RESUMO

O artigo traz análise do livro infanto-juvenil *Qual é a cor do amor?* sob a perspectiva da necessidade de enfrentar o racismo estrutural e seu impacto negativo nas instituições de ensino e na vida de inúmeras crianças. A narrativa se desenvolve quando a protagonista, Paulinha, perde-se de seu pai, o Sr. Tomás, e é acolhida por uma família negra. Esse encontro desafia os preconceitos do Sr. Tomás, levando-o a refletir sobre suas atitudes e sobre o racismo profundamente enraizado na sociedade. Dessa forma, a obra apresenta a possibilidade de mudanças nas atitudes e pensamentos racistas, enfatizando que essas transformações podem ocorrer através do convívio e da empatia. No que concerne a Abordagem Teórica-metodológica fazemos uso da pesquisa documental, para organização e tratamento dos dados Análise de Conteúdo via Análise Temática (Bardin, 2011), e explora conceitos apresentados ao longo do livro, abordando a prática histórica, cultural e social do racismo enraizado no país desde o processo de colonialismo. Além disso, destaca a importância da literatura infanto-juvenil e da educação antirracista como ferramentas essenciais para combater a desigualdade racial. O objetivo é promover a construção de uma geração mais justa e igualitária, compreendendo o valor de introduzir questões raciais desde a primeira infância, fomentando valores inclusivos e o respeito à diversidade.

Palavras-chave: literatura infanto-juvenil, educação antirracista, racismo estrutural, desigualdade social.

ABSTRACT

The article presents an analysis of the children's book What is the color of love? from the perspective of the need to confront structural racism and its negative impact on educational institutions and the lives of countless children. The narrative develops when the protagonist, Paulinha, loses her father, Mr. Tomás, and is welcomed by a black family. This encounter challenges Mr. Tomás' prejudices, leading him to reflect on his attitudes and the racism deeply rooted in society. In this way, the work presents the possibility of changes in racist attitudes and thoughts, emphasizing that these transformations can occur through coexistence and empathy. Regarding the Theoretical-

methodological Approach, we use documentary research, to organize and process data Content Analysis via Thematic Analysis (Bardin, 2011), and explore concepts presented throughout the book, addressing the historical, cultural and social practice of racism rooted in the country since the colonialism process. Furthermore, it highlights the importance of children's literature and anti-racist education as essential tools to combat racial inequality. The objective is to promote the construction of a more fair and egalitarian generation, understanding the value of introducing racial issues from early childhood, promoting inclusive values and respect for diversity
.

keywords: Children's literature, anti-racist education, structural racism, social inequality.

GOMES, L. D. O.; SANTOS, V. S.; SILVA, C. F. Literatura infantil e racismo: reflexões sobre o ensino das relações étnico-raciais. **Revista Semiárido De Visu**, V. 13, n. 1, p. 46-57, abr. 2025. ISSN 2237-1966.

ISSN 2237-1966

Introdução

A literatura infantil tem um papel central e significativo na formação de crianças, desempenhando a tarefa de desenvolver a inserção desse público na sociedade. Para além de uma ferramenta pedagógica, a leitura é capaz de conectar povos, culturas e histórias de distintos tempos. Dessa maneira, nos últimos anos cresceu de forma notável o reconhecimento de temas como diversidade étnico-racial e a herança da colonização, resultando no racismo e seu impacto negativo atualmente. Tudo isso resultado de anos de lutas incansáveis dos movimentos negros e sociais ao longo de décadas.

Ainda que vistos como sensíveis, esses temas são de valor essencial para formação de sociedades mais justas, na qual dessa forma o racismo e seus paralelos sejam eliminados de forma eficiente. Neste sentido, histórias que abordam temas como o racismo, trazem reflexões acerca das relações étnico-raciais, ganhando relevância a respeito do tema, bem como o livro infanto-juvenil “Qual é a cor de amor?”, de Patrícia Senna.

A narrativa apresenta uma menina branca que se perde de seu pai, e porventura é encontrada e acolhida por uma família negra. A obra se desenvolve no impacto desse acontecido na qual o pai de nossa protagonista, que ao longo da trama apresenta comportamentos racistas herdados de uma sociedade historicamente marcada pela mancha do colonialismo. Ao desenrolar do livro o personagem é confrontado pela sua própria consciência fazendo-o assim refletir sobre suas ações e o porquê destas. Assim o livro traz destaque para a importância do convívio cotidiano com as diferenças sociais, o impacto deste na superação dessa herança racista da sociedade brasileira.

Propondo uma análise sob a ótica de uma educação antirracista e da literatura infantil, este artigo busca instigar o quão significativo é o papel dessa educação na transformação social. Dito isto, a renomada professora, jornalista, autora e pesquisadora brasileira Ana Maria Machado define a literatura infantil como:

> A literatura para crianças é um espaço privilegiado para o trabalho das palavras, da imaginação e da fantasia, mas também do questionamento. Ela ajuda a formar os leitores do futuro, que serão cidadãos com mais capacidade de pensar e interagir de forma crítica com o mundo ao seu redor. (Machado, 2002, p. 11).

Essa citação ressalta o valor fundamental da literatura infantil, no longo processo da formação da criança enquanto ser social, caminhando para além do simples entretenimento e lazer para desta forma vir a se tornar uma ferramenta de cunho pedagógico e sociológico. Abordando o uso das palavras, da fantasia e da imaginação, a literatura infantil também permite que as crianças conheçam, criem e explorem o mundo ao seu redor, desenvolvendo áreas do conhecimento como a criatividade, a cognição, a inteligência emocional e socio habilidade. Entretanto, esta não se limita apenas a estes aspectos: a literatura infantil também mostra sua relevância ao incentivar e refletir sobre questões sociais, fomentando desde cedo o pensamento crítico.

Este processo torna-se essencial na formação de cidadãos empáticos, conscientes e engajados nas lutas contra as desigualdades. Dessa maneira, ao expor as crianças diferentes culturas, visões de mundo e diferentes valores, a literatura

Periódico científico de acesso livre

ISSN 2237-1966

infantil promove o respeito, a compreensão e aceitação das diversidades encontradas na sociedade. Além disso, ao fomentar a capacidade de interagir, pensar e ler o mundo de forma mais crítica, ela contribui positivamente e significativamente na reconstrução de uma sociedade mais igualitária e equitativa. Dessa forma, livros que abordem temas como o racismo, o preconceito e a exclusão de maneira didática ajudam e preparam esses indivíduos a se contrapor aos desafios na contemporaneidade, trazendo munição capaz de confrontar a herança da colonialidade e propor possibilidades de mudanças e melhorias.

Portanto, a literatura ultrapassa a bolha do ser individual, trabalhando os aspectos coletivos e de comunidade. Ela não apenas ajuda o leitor a crescer intelectualmente, mas, age na transformação da vivência enquanto sociedade, assim, formando futuras gerações conscientes e comprometidas com o respeito e empatia.

Dessa forma este serve como um estudo de caso para melhor compreender como a literatura contribui para o questionamento e desconstrução dos estereótipos raciais enraizados no dia a dia, a análise realizada, aqui busca também explorar a raiz dessa normalização do racismo e a cultura.

O racismo que reflete, fortemente, na herança dolorosa da colonização do país, juntamente ao processo desumano de escravização e exploração dos povos negros africanos na contemporaneidade não é tido como um fator importante na disseminação e manutenção de costumes e tratamentos hostis reservados aos seus descendentes, principalmente ao tratarmos do impacto que este processo trouxe e traz para esta população.

Frantz Fanon, um psiquiatra, filósofo e ativista político martinicano reflete que “O racismo não é uma constante da alma humana. É uma construção social que visa justificar a exploração e a opressão de um grupo sobre outro” (2008, p. 69), ou seja, para ele o racismo é uma forma sistêmica de opressão que esta estruturalmente enraizado em todos os eixos e dinâmicas de poder social atual, advindas da colonização. Ele o compreende como uma ferramenta utilizada pelo colonialismo impondo padrões culturais, linguísticos e de cunho epistemológico subjugando aqueles incapazes de se adequar a estes padrões. Psicologicamente, segundo ele o racismo impacta na subjetividade do indivíduo, negro.

Dessa forma, Fanon aponta o racismo como um comportamento que está estruturado, ultrapassando a barreira das relações interpessoais na qual o conhecimento, a linguagem, a cultura e a identidade são vistas como inferiores e substituídos pelo padrão do colonizador, denominado por ele como colonialismo epistemológico.

Ademais, a obra trata, também, da importância de incentivar e desenvolver temas e práticas pedagógicas na educação, principalmente no infantil e anos iniciais, a fim de fazer com que estas escolas promovam uma educação que se desenvolva em volta do respeito à diversidade e o enfrentamento do racismo.

Há necessidade de uma educação antirracista no Brasil, para formar pessoas e cidadãos conscientes e críticos, que sejam capazes de refletir, identificar, questionar e combater essas estruturas que estão entranhadas no país. Sendo indispensável a importância do ensino de relações étnico-raciais nos currículos com ênfase na primeira infância. A Lei nº 10.639, de 9 de janeiro de 2003, é uma importante legislação brasileira que alterou a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB), instituindo a obrigatoriedade do ensino de História e Cultura Afro-Brasileira nos currículos da educação básica em escolas públicas e privadas.

ISSN 2237-1966

A obrigatoriedade dessa lei, marca um ponto crucial na história da educação brasileira, tendo como aspecto central o reconhecimento e valorização da história da África e dos povos africanos e a contribuição significativa desses para com o Brasil. Essa inclusão aos currículos surge em contraponto a narrativa do ensino eurocêntrico, que se baseia e reflete sobre a hipervalorização da cultura europeia como ponto principal e referência no mundo, predominante na história do ensino no Brasil a qual é a principal responsável pelo apagamento da participação das populações negras no período de formação do país, resumindo-os ao papel de pessoas escravizadas.

Entretanto, a implementação da lei enfrenta grandes desafios como: escassez de materiais didáticos que abordem o tema de maneira apropriada, a falta de formação adequada dos professores e o racismo velado que resiste nos sistemas de ensino ao longo do Brasil. Esses empecilhos dão ênfase a necessidade de políticas públicas que reforcem este ensino e o cumprimento da lei nas escolas, nesse sentido, a literatura infantil torna-se uma ferramenta poderosa, para tratar de maneira didática e lúdica esse tema que por muitos é visto como desafiador. Portanto este estudo busca contribuir para a reflexão acerca do papel da literatura como base para o auxílio a uma educação antirracista, que para além da sala de aula, é capaz de desenvolver valores como respeito e diálogo.

Material e métodos

A pesquisa, teve seu nascedouro, nas discussões no componente curricular de Educação e Relações Étnico-Raciais, que abordou aspectos da educação antirracista e seu impacto na sociedade e na formação da/o pedagoga/o na Universidade de Pernambuco, Campus Petrolina.

A pesquisa bibliográfica permite ao pesquisador construir uma base sólida de conhecimentos previamente estudados, o que facilita a compreensão aprofundada de um tema. Segundo Lakatos e Marconi (2003, p. 43), “a pesquisa bibliográfica explica um problema a partir de referências teóricas publicadas em documentos”. Esse tipo de investigação é fundamental, pois proporciona uma visão crítica e comparativa sobre o que já foi desenvolvido, permitindo, assim, identificar lacunas ou pontos de convergência entre diferentes autores. Dessa forma, o pesquisador consegue contextualizar seu estudo e fundamentar suas hipóteses com embasamento teórico confiável. Então, esse estudo trata-se desse processo de busca e análise de informações sobre um tema específico, realizado a partir da leitura e interpretação de uma obra literária infantil.

O estudo caracteriza-se por uma abordagem qualitativa, do tipo documental, para organização e tratamento dos dados fizemos uso da análise de conteúdo, via análise temática que se desdobra em três etapas (Bardin, 2011). A primeira, denominada pré-análise, consiste na organização dos dados e na definição do plano de análise. Nessa fase, buscou-se explorar o material para familiarizar-se com o conteúdo a ser trabalhado. Incluiu-se, também, a escolha do livro, a identificação dos problemas a serem investigados e a criação dos critérios avaliativos que orientaram este estudo.

A segunda etapa, chamada exploração do material, corresponde à análise propriamente dita, na qual foram aplicados os conceitos definidos na pré-análise. Selecionaram-se as unidades de análise que se destacaram na pesquisa e procuraram-se padrões relacionados ao tema investigado.

A terceira e última etapa trata da formulação de interpretações do conteúdo analisado, relacionando-o a teoria e o *corpus* documental. Assim, os dados foram

Periódico científico de acesso livre

ISSN 2237-1966

interpretados com o objetivo de responder às hipóteses e questões da pesquisa, garantindo maior entendimento e validando a qualidade dos dados coletados.

A amostra selecionada para a análise é o livro de literatura infantojuvenil intitulado "Qual é a cor do amor?", escrito por Patrícia Senna. Trata-se de uma obra com pouca exposição midiática que conta a história de Paulinha, uma menina branca e curiosa, que se perde do pai durante um passeio e acaba sendo ajudada por uma família negra. A narrativa revela temas profundos sobre racismo, abordando a visão do personagem pai de Paulinha, Sr. Tomás, que possui ideias racistas herdadas de seus antepassados, senhores de engenho.

Ao longo da história, Paulinha é acolhida por uma família negra que demonstra bondade e acolhimento, o que contrasta com os preconceitos raciais do pai da menina. Durante o período que passa com essa família, a protagonista estabelece uma conexão com Serginho, um menino negro bastante bondoso e esperto, e expressa admiração pela cor de sua pele, revelando uma curiosidade e abertura que desconstroem os preconceitos transmitidos pelo convívio com sua família.

O estudo do livro permite-nos observar como os preconceitos são disseminados, perpetuados e questionados na sociedade. A mensagem final da obra é uma lição de que o amor e o respeito superam distinções de cor, classe e cultura, promovendo uma reflexão sobre a importância de desconstruir estereótipos e preconceitos no contexto educativo e social.

Figura 1 – Capa do livro analisado

Fonte: Captura de tela de Estante virtual, 2006.

A trama encerra-se de maneira relativamente feliz e otimista, onde uma situação de potencial perigo, o desaparecimento de uma criança, se resolve de forma positiva. Os tons de pele dos personagens desempenham um papel significativo e fundamental no decorrer da história, transmitindo a mensagem central da obra.

Cada um dos personagens é apresentado com características individuais e bem distintas, com destaque para o senhor Tomás, pai de Paulinha, que é abertamente racista. Essa característica é abordada de forma evidente pela autora, sem deixar margem para possíveis interpretações ambíguas quanto à visão da autora.

Figura 2 – Personagens da história

GOMES, L. D. O.; SANTOS, V. S.; SILVA, C. F. Literatura infantil e racismo: reflexões sobre o ensino das relações étnico-raciais. **Revista Semiárido De Visu**, V. 13, n. 1, p. 46-57, abr. 2025. ISSN 2237-1966.

ISSN 2237-1966

Fonte: Captura de tela de Estante virtual, 2006.

A narrativa aprofunda o entendimento sobre o racismo do senhor Tomás ao atribuí-lo a sua herança familiar, histórica e cultural. Ele é descrito como descendente de antigos senhores de engenho, proprietários de grandes extensões de terras e de pessoas pretas escravizadas durante o período Brasil colonial e imperial. Esses senhores detinham poder e prestígio social, exercendo grande influência em várias regiões do país. A autora utiliza esse contexto histórico para explorar as raízes e a complexidade do racismo desse personagem, evidenciando como essa visão de mundo pode ser transmitida, perdurando ao longo dos anos e das gerações.

O uso desse contexto histórico-cultural enriquece a análise, pois permite compreender como os preconceitos raciais estão enraizados em construções sociais de longa data, o que amplia a relevância do livro na abordagem de uma educação que dá ênfase à luta antirracista na educação e na infância.

A educação antirracista tem como principal objetivo ensinar sobre as origens e consequências do racismo, proporcionando o desenvolvimento de um ambiente inclusivo que respeita e aceita todos os indivíduos independe da cor da sua pele, etnia, origem ou religião. Esse tipo de educação é uma prática pedagógica e modelo de ensino que busca promover e combater a desigualdade racial presente no país, se contrapondo ao racismo e todas as suas manifestações, valorizando a diversidade cultural e étnica presente na sociedade, herança dos vários povos que contribuíram para a formação cultural da sociedade brasileira.

Assim, a obra literária se torna uma ferramenta de reflexão e de desconstrução de preconceitos, destacando-se como uma importante contribuição para a discussão de temas étnico-raciais nas escolas e fora delas, por meio de narrativas que abordam e exploram as questões de diversidade de perspectivas, vivências e experiências, a literatura infantil permite que as crianças entendam as distintas realidades, vividas pelos diferentes grupos sociais. Ultrapassando a bolha do ensino educacional, esta literatura também fomenta discussões e reflexões que se apresentam no cotidiano dessas crianças que estão aprendendo a viver em sociedade, discussões estas que transcendem o campo da literatura enquanto arte e se firmam como uma ferramenta de combate indispensável na luta por uma sociedade mais crítica.

GOMES, L. D. O.; SANTOS, V. S.; SILVA, C. F. Literatura infantil e racismo: reflexões sobre o ensino das relações étnico-raciais. **Revista Semiárido De Visu**, V. 13, n. 1, p. 46-57, abr. 2025. ISSN 2237-1966.

ISSN 2237-1966

Resultados e discussão

A narrativa remete ao período colonial do país, que se estende desde 1500 a 1822 marcado, respectivamente, pela invasão e independência do Brasil, abordando de forma visível e objetiva um tema que muitas vezes recebe menos atenção ou é pouco discutido pela população brasileira. A herança de uma sociedade construída sobre a escravização contribui para o racismo associado à herança colonial. Para alguns, o racismo é considerado inexistente ou exagerado, mas ele permanece presente em diversos aspectos da sociedade brasileira.

O racismo, enquanto um sistema estrutural de opressão, se apresenta de inúmeras formas, sendo o principal responsável pela exclusão, apagamento e desvalorização e da população negra. Conforme Sueli Carneiro, o racismo é um sistema de opressão que se manifesta tanto em ações individuais quanto em estruturas sociais, econômicas e políticas, promovendo a exclusão e a desvalorização de grupos racializados (Carneiro, 2005, p. 106). Desse modo, as estruturas sociais e raciais dão ênfase a carência de políticas de apoio a essa população.

O racismo estrutural se manifesta na forma como o racismo está interligado, enraizado e aprofundado em todos os eixos que compõem a estrutura da sociedade, sejam eles políticos, econômicos, culturais, educacionais ou até mesmo relacionados aos comportamentos individuais. Este sistema garante a manutenção e perpetuação dessas desigualdades, que, ao longo de séculos de normalização se refletem, cotidianamente, na vida de inúmeras pessoas negras em todo o Brasil.

Esse conceito tem origem em processos históricos associados à formação do país, como o colonialismo, vinculado a escravização que estabeleceram um sistema de hierarquia racial ainda vigente. Essa hierarquia favorecia a burguesia da época colonial e seus descendentes na contemporaneidade em detrimento de grupos minoritários, como a população negra e os povos indígenas. Esses grupos, devido à opressão desse sistema, representam a maior parte das pessoas em situação de desvantagem econômica e educacional.

Altamente normalizado na sociedade e raramente reconhecido pelo impacto negativo que exerce na vida das pessoas negras, o racismo estrutural torna-se invisível às políticas sociais. Assim, os representantes políticos deixam de lutar por mudanças significativas, perpetuando ainda mais esse sistema. Mesmo sem intenções explícitas de discriminação ou exclusão, comportamentos cotidianos disseminam e mantêm essa estrutura em funcionamento.

O racismo estrutural está culturalmente enraizado nas práticas de divisão social no Brasil e pode ser facilmente identificado em mídias como a televisão, onde pessoas negras frequentemente interpretam papéis de subalternidade e subserviência, como empregadas domésticas ou traficantes. Dessa forma, a sociedade absorve e reproduz essas imagens, perpetuando a estrutura racista que, como uma praga, dissemina-se em todos os espaços e impacta diretamente a vida dessas pessoas.

Como a educação reflete a cultura e a visão de um povo, o sistema de ensino brasileiro não é exceção, reproduzindo barreiras que dificultam e colocam em desvantagem estudantes negros e/ou de outras comunidades racializadas ao longo de suas trajetórias. Um exemplo dessa desigualdade pode ser observado nas escolas localizadas em áreas periféricas, onde há uma concentração significativa de estudantes negros. Nessas instituições, é evidente a precarização das condições de ensino com poucos recursos financeiros e pedagógicos. A baixa remuneração e capacitação dos profissionais também resultam em índices de desenvolvimento

ISSN 2237-1966

Periódico científico de acesso livre

consideravelmente inferiores quando comparados às escolas particulares, que oferecem melhores oportunidades de aprendizagem.

Outra característica da educação brasileira que reforça o racismo estrutural é o currículo, profundamente influenciado por linhas de pensamento eurocêntricas. O ensino da cultura e da história africana e afro-brasileira é frequentemente negligenciado ou abordado de maneira simplista e superficial, reforçando uma visão de subalternidade e inferioridade dessa população que perde seu protagonismo na história da formação do Brasil.

Essas barreiras não se limitam ao ensino básico e persistem no ensino superior, que é ainda mais eurocentrado e alinhado à manutenção do racismo estrutural. A falta de equidade nesse nível educacional limita o acesso de estudantes negros, resultando em altas taxas de desistência e abandono. Essa dinâmica reflete a ausência de políticas públicas e ações afirmativas que visem transformar essa estrutura.

Diante dessa realidade, torna-se evidente a necessidade de políticas públicas e ações educativas que promovam equidade, reconhecimento e transformação social, combatendo as bases do racismo estrutural e garantindo oportunidades mais justas para todos.

Profundamente enraizado na estrutura social do Brasil, o racismo, é um dos principais pilares que sustentam e mantêm as desigualdades na nação e assim moldam as interações político-econômica e relações de poder no país. Desde a invasão, quando milhões de africanos foram capturados, escravizados e trazidos à força pelos navios negreiros pelo oceano até o que viria a se tornar Brasil, a população negra desempenhou um papel central e significativo na construção da economia, da cultura e da sociedade. Os negros foram a principal força motriz de trabalho que sustentou todos os eixos econômicos fundamentais, como a agricultura, a mineração e as obras de infraestrutura, sendo os principais responsáveis por uma parte significativa do enriquecimento das elites brancas na era colonial e, posteriormente, da sociedade brasileira como um todo.

Figura 3 – Personagem Sr. Tomás

Fonte: Qual é a cor do amor?, p.2.

ISSN 2237-1966

Essa página da obra menciona que a população negra foi trazida da África para realizar inúmeros trabalhos, contra suas vontades incontáveis populações africanas padeceram sob o mesmo fim, um fim tão cruel e hostil que apenas o trajeto até o destino ceifou a vida de milhões, entre estes: mulheres, crianças e idosos, dos quais muitos preferiam suicidar-se a aceitar tal destino. É importante reconhecer que essas populações foram e são imensamente afetadas até hoje pelas consequências da escravização, perpetuada pelos brancos portugueses e seus descendentes.

Essa prática desumana, que tratou milhões de africanos como objetos comerciais e mercadorias, se estendeu não apenas ao Brasil, mas a todo o continente americano se estendendo de norte a sul e ao próprio continente africano. Resultando numa das maiores e mais famosas diásporas, movimento de disseminação das inúmeras populações africanas pelo mundo durante o tráfico transatlântico, consequência do tráfico de pessoas escravizadas pelas potências europeias. Um dos maiores e mais monstruosos atos da humanidade foi cometido e continuou a ser praticado diariamente por, pelo menos, três séculos, enraizando-se em todos os aspectos das sociedades americanas e principalmente brasileiras.

Na citação a seguir fica claro esse movimento de captura das populações africanas ao longo dos séculos, no contexto do tráfico negreiro e da escravização:

> Esse tráfico de sequestrar e roubar homens foi iniciado pelos portugueses no litoral da África, e como o acharam benéfico para os seus próprios propósitos malvados, eles logo se empenharam em cometer maiores depredações. Os espanhóis seguiram o seu exemplo infame, e o tráfico negreiro parecia-lhes bastante vantajoso, para proporcionar comodidade e afluência através da sujeição cruel e escravidão dos outros. (Mignolo, 2017, p. 5)

Após a "libertação" resultante de anos de resistência das populações negras ao redor do Brasil, mas resumindo-a a simples assinatura da princesa Isabel, essa população foi novamente desumanizada e abandonada, enfrentando as mazelas de uma sociedade que buscou apagar sua história e sua participação na formação do país, que nega a existência do racismo. Apesar de ser um assunto raramente incluído nos currículos escolares, é inegável que há uma herança significativa dessas ações na contemporaneidade. Assim, a sociedade atual reflete o comportamento de seus antepassados, reproduzindo o racismo, agora de forma normalizada, ou seja, agindo de maneira quase imperceptível aos olhos da sociedade que se adaptou a ignorar essas atitudes.

Pequenas ações, como a negação do acesso à educação e a exclusão dos jovens negros das instituições de ensino, perpetuam o paulatino crescimento econômico daqueles que tentam superar da condição de marginalização estruturalmente vivenciadas nas periferias, resultando em violência e mortes que estampam jornais diariamente. A presença do racismo e sua influência no destino de toda uma população são inquestionáveis, mas ainda invisíveis aos olhos da sociedade branca que o nega, mas sendo fortemente presente na vida cotidiana de inúmeros homens e mulheres negras brasileiras.

Reconhecendo essas questões e buscando provocar mudanças, mesmo que de forma mínima, a autora apresenta uma história que poderia ocorrer em qualquer lugar do Brasil. Ela aborda de maneira didática um tema considerado um tabu por muitos, que acreditam que essa discussão não deve ser abordada com crianças e que temas de cunho racial e social devem ser atribuídos somente a quem os procura.

A literatura infantojuvenil se configura de maneira essencial como uma ferramenta capaz de fomentar e desenvolver reflexões acerca da diversidade

ISSN 2237-1966

cultural e étnica existente na sociedade e desempenha um papel significativo no enfrentamento do racismo. Ao contar histórias que dão ênfase a imensa riqueza étnica de diversos povos, a literatura assume um lugar central permitindo que crianças negras possam se reconhecer enquanto protagonistas, fortalecendo e ampliando sua autoestima e desenvolvendo a sua identidade individual e social. Como ressalta a pedagoga, professora e pesquisadora brasileira Nilma Lino Gomes, "a literatura é um instrumento poderoso para trabalhar a diversidade, pois permite às crianças se reconhecerem nas histórias e, ao mesmo tempo, aprenderem a valorizar outras culturas e experiências" (Gomes, 2002, p. 43).

Para além do desenvolvimento das identidades a literatura infantojuvenil promove a criação de espaços que facilitam a desconstrução do racismo e preconceitos enraizados nas práticas sociais contemporâneas, na qual abordando questões como a igualdade racial e o valor da contribuição cultural e social das diferentes populações que constituíram a sociedade brasileira atual, sensibilizam os leitores sobre os impactos do racismo no nosso dia a dia. Nessa mesma linha de pensamento, a literatura contribui positivamente e significativamente na reconstrução de uma cidadania mais justa que rever a sua história e reconhece a suas raízes.

Ademais, obras que retratem a luta por resistência, o enfrentamento do racismo e apresentam narrativas positivas sobre pessoas negras, reforçam o impacto que a literatura desempenha nessa luta. Assim, transcendendo o papel de cunho pedagógico das escolas a literatura infantojuvenil se usada de forma benéfica torna-se um instrumento de valor inestimável na promoção de uma sociedade plural que celebra a diversidade cultural e abraça os antepassados que a carregam.

O título do livro analisado neste estudo já instiga questionamentos, ao perguntar que cor seria o amor. O conflito é resolvido de maneira simples e ao perceber quem salvou sua filha, o senhor Tomás agradece, como qualquer pessoa faria.

Sendo uma obra infantil, o livro lida com o tema de forma eficaz, utilizando-se de ilustrações e uma linguagem objetiva e acessível, o que permite que a trama seja facilmente compreendida e trabalhada com crianças de diversas idades e séries. Com um fundo histórico, a obra contextualiza as questões do racismo presentes na formação da sociedade brasileira e como essas questões afetam cotidianamente essa população marginalizada desde sempre.

Conclusões

O livro "Qual é a cor do amor?" aborda de forma incisiva, sensível e didática um tema fundamental para a formação social e afetiva das crianças: o racismo e as diferenças étnico-raciais presentes na sociedade. Ao explorar esses assuntos desde os anos iniciais, a obra contribui positivamente para o desenvolvimento de uma consciência crítico-reflexiva nas crianças, estimulando-as a refletir sobre questões de racismo, preconceito e inclusão. Essa abordagem educativa promove a construção de valores essenciais, como empatia, a ética e respeito às diversidades, auxiliando cidadãos mais conscientes e preparados para atuar em uma sociedade cada dia mais plural.

A presença de personagens como Serginho, Paulinha e Sr. Tomás permite que as crianças encontrem representatividade, que nada mais é do que se ver representado de maneira positiva e respeitosa em lugares de destaque, dos quais não se espera normalmente ver essas pessoas. E dessa forma sejam levadas a

questionar atitudes enraizadas e normalizadas na sociedade, incentivando-as a identificar, questionar e enfrentar desigualdades e discriminações sempre que possível e necessário. Assim, a utilização desse tipo de recurso nas escolas é indispensável e indiscutivelmente positiva e significativa, pois proporciona uma prática que impacta, capaz de formar indivíduos engajados nas lutas contra injustiças sociais.

A escola, portanto, desempenha um papel crucial ao fomentar uma educação que transcenda o conhecimento tradicional, que vai além de aprender a ler e contar, capacitando os alunos a se tornarem agentes ativos de mudança e transformação social. Ao invés de silenciar ou evitar temas como este, é imprescindível a importância de abordá-los como uma oportunidade valiosa para o desenvolvimento de uma geração mais consciente, reflexiva e comprometida engajada com a justiça social e o impacto destas lutas nas próximas gerações.

Referências

BARDIN, Laurence. **Análise de Conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 2011.

BRASIL. Lei nº 10.639, de 9 de janeiro de 2003. Altera a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da rede de ensino a obrigatoriedade da temática "História e Cultura Afro-Brasileira", e dá outras providências. Diário Oficial da União: seção 1, Brasília, DF, p. 1, 10 jan. 2003.

CARNEIRO, Sueli. Enegrecer o feminismo: a situação da mulher negra na América Latina a partir de uma perspectiva de gênero. In: SANTOS, Boaventura de Sousa (Org.). **Reconhecer para libertar: os caminhos do cosmopolitismo multicultural.** Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2005. p. 49-78.

FANON, Frantz. **Pele negra, máscaras brancas.** Tradução de Renato da Silveira. Salvador: EDUFBA, 2008. p. 69.

GOMES, Nilma Lino. **Educação, identidade negra e formação de professores**. Belo Horizonte: Autêntica, 2002.

LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Marina de Andrade. **Fundamentos de metodologia científica.** 5. ed. São Paulo: Atlas, 2003.

MACHADO, Ana Maria. **Como e por que ler os clássicos universais desde cedo**. São Paulo: Objetiva, 2002.